



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

O VOO ÀS AVESSAS DO GOOFUS BIRD: A MODERNIDADE SEM RAÍZES E O CONTROLE DA SEXUALIDADE NA EXPERIÊNCIA BURGUESA

**Sérgio Luis Soares Mariani
Sandra Mara Dall’Igna Volpi**

RESUMO

Ao invés de promover uma identidade enraizada em valores naturais, como os existentes no próprio corpo, a experiência burguesa moderna tornou recorrentes não apenas sensações como também atitudes antagônicas e ambivalentes. Em outras palavras: a experiência burguesa moderna acabou originando uma **ambitendência** que mantém mulheres e homens presos, a um só tempo, à necessidade de segurança e à premência de libertação; homens e mulheres agrilhoados tanto à necessidade de poder – e consequentemente ao risco da solidão – quanto ao medo da incapacidade e da dependência. O presente estudo pretende alçar voo à maneira do *Goofus bird* – o pássaro mitológico descrito pelo escritor argentino Jorge Luis Borges – que voa para trás, uma vez que lhe interessa mais a sua origem do que o seu destino. Evidentemente, não pretendemos desconsiderar as características do nosso presente ou negar análise às possibilidades do nosso futuro. Ao contrário. Este artigo considera, simultaneamente, a experiência burguesa que nos precedeu e aquela que em seguida se instituiu, ambas envolvendo o controle da sexualidade como um dispositivo do poder.

Palavras-chave: Análise histórica. Controle da sexualidade. Experiência Burguesa. Narcisismo.

1 O GOOFUS BIRD E O SÉCULO XIX

Na obra literária “O livro dos seres imaginários”, o escritor argentino Jorge Luis Borges (2007) compõe um verdadeiro bestiário, onde figuram vários seres que saltam diretamente da imaginação humana. Na parte destinada à mitologia norte-americana, Borges nos apresenta o *Goofus Bird*: “[...] pássaro que constrói o ninho ao contrário e voa para trás, porque não quer saber para onde vai, e sim onde esteve” (BORGES, 2007, p. 100). Evidentemente, a ligação que estabelecemos entre o voo às avessas do *Goofus Bird* e o trabalho que aqui realizamos não se baseia na recusa do nosso presente ou do nosso futuro. Ao contrário. Pretende alcançar um melhor entendimento acerca das



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

características do nosso presente e das possibilidades do nosso futuro a partir, justamente, de uma compreensão mais apurada das nossas origens. Segundo o historiador da cultura Peter Gay (1988), o século XIX é, afinal de contas, a nossa “casa paterna” (GAY, 1988, p. 17). O que equivale a dizer que, de algum modo e em algum grau, ele ecoa através do nosso tempo sob a forma de ranço ou benefício, fazendo de nós, seres do século XXI, seus herdeiros diretos.

Portanto, o presente estudo nasceu do cruzamento de um pássaro mitológico com um espanto. O primeiro alertando para a necessidade de compreendermos o século XIX de forma menos estereotipada, a fim de que possamos nos entender de modo menos superficial; o segundo advindo da surpresa gerada por uma constatação: “O século XIX ainda não terminou” (SENNET, 1988, p. 44). A experiência burguesa oitocentista consolidou diversos padrões de comportamento que ainda hoje se manifestam – transformados, enfraquecidos ou fortificados. E, com base nisso, o presente trabalho chama atenção para a importância de se enxergar o ser humano não como um objeto que possa ser vislumbrado unicamente a partir do seu interior (da sua **individualidade**), mas, sim, a partir da relação dialética que se estabelece entre o **mundo** e a **mente** – ou entre o **mundo** e o **corpo**. A mesma ideia, dita de outra forma: no mesmo passo em que somos definidos pela educação que recebemos e pelo meio em que vivemos, funcionamos, também, como agentes definidores desse mesmo meio e dessa mesma educação, na medida em que, por intermédio das mínimas e frequentes opções que fazemos na vida (conscientes ou inconscientes), ajudamos aos poucos a edificar ou sedimentar uma cultura e imprimimos alguma diferença em face daquilo que nos é *herdado* ou simplesmente imposto: “As experiências comprovam pois a existência de um tráfego ininterrupto entre o que o mundo impõe e o que a mente exige, recebe e reformula” (GAY, 1988, p. 19).

Na maior parte das vezes, a análise da **experiência de classe social** do indivíduo costuma ser esquecida – ou com muita sorte “achatada” – por um estudo terapêutico de caso. O terapeuta, concentrado que está na aplicação da sua técnica, geralmente passa ao largo de determinadas características e



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ___/___/___.

necessidades do paciente que, em grande medida, são ditadas pelo chamado **estrato social** ao qual esse paciente pertence ou almeja pertencer. Assim, o presente trabalho se dedica a estabelecer conexões plausíveis entre a experiência burguesa oitocentista e o que vivenciamos hoje, na primeira década deste nosso século XXI, com especial destaque para as questões do **narcisismo** e do **controle da sexualidade** que, ao que tudo indica, ainda se manifestam vigorosamente na nossa cultura.

2 A EXPERIÊNCIA BURGUESA NO SÉCULO XIX

Segundo Gay (1988, p. 19), “Uma experiência é o encontro da mente com o mundo, no qual nem este nem aquela são jamais simples ou totalmente transparentes.” Uma **experiência**, assim, pode ser entendida como a constante interação, interpenetração ou entrelaçamento entre o interior e o exterior, entre o ser humano e a realidade que a um só tempo o modela e vem por ele modelada. O clichê que associa a ponta de um iceberg ao domínio do meramente consciente pode, aqui, ser aplicado com perfeição, pois as experiências humanas vêm largamente definidas por conteúdos de natureza inconsciente – e na mesma medida se desenvolve a cultura. Afinal, se a experiência é um encontro consciente ou inconsciente da **mente** – ou do **corpo** – com o **mundo** (meio, valores, educação, padrões de conduta, etc.), um dos produtos dessa relação dialética é precisamente a **cultura**: processo de acúmulo filtrado e edificação. Nas palavras de Gay (1988, p. 13), o termo **cultura** abarca “Toda realização humana que de alguma forma contribui para a experiência [...]”

Paralelamente a isso, vejamos o que Lowen (1983, p. 9) diz a respeito do narcisismo:

O narcisismo descreve uma condição psicológica e uma condição cultural. **Em nível individual, indica uma perturbação da personalidade caracterizada por um investimento exagerado na imagem da própria pessoa à custa do self.** Os narcisistas estão mais preocupados com o modo como se apresentam do que com o que sentem. De fato, eles negam quaisquer sentimentos que contradigam a imagem que procuram apresentar. Agindo sem



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

sentimento, tendem a ser sedutores e arditos, **empenhando-se na obtenção de poder e de controle**. São egoístas, concentrados em seus próprios interesses, mas carentes dos verdadeiros valores do *self* – notadamente, autoexpressão, serenidade, dignidade e integridade. **Aos narcisistas falta um sólido sentimento do self derivado de sensações corporais**. Sem um sólido sentimento do *self*, vivem a vida como algo vazio e destituído de significado. É um estado de desolação.

Em nível cultural, o narcisismo pode ser considerado como perda dos valores humanos – uma ausência de interesse pelo meio ambiente, pela qualidade de vida, pelos seres humanos seus semelhantes. **Uma sociedade que sacrifica o meio ambiente natural em nome do lucro e do poder revela sua insensibilidade em face das necessidades humanas**. A proliferação de coisas materiais converte-se em medida de progresso na vida, e o homem é oposto à mulher, o trabalhador ao patrão, o indivíduo à comunidade. **Quando a riqueza ocupa uma posição mais elevada do que a sabedoria, quando a notoriedade é mais admirada do que a dignidade, quando o êxito é mais importante do que o respeito por si mesmo, a própria cultura sobrevaloriza a ‘imagem’ e deve ser considerada narcisista**.

O narcisismo do indivíduo corre a par com o da cultura. **Modelamos nossa cultura de acordo com nossa imagem e, por sua vez, somos modelados por essa cultura**. (grifos acrescentados)

Com base nisso, começamos a vislumbrar um entrelaçamento entre **narcisismo** e a **experiência burguesa oitocentista**. Mas, afinal de contas, o que foi essa tão decantada **experiência burguesa no século XIX**? Para responder a essa pergunta, precisamos, em primeiro plano, identificar o que era **ser burguês** no século XIX.

Definir a burguesia oitocentista é uma tarefa complexa. Não se pode utilizar um único critério para se avaliar o que de fato era **ser burguês** nos oitocentos: **ser burguês** podia significar um limite mínimo e máximo de renda per capita ou, ainda, por família; podia exigir, como parâmetro de definição, a origem do indivíduo ou de uma família, o seu enraizamento geográfico (o campo ou a cidade), a profissão ou **ocupação profissional**, a educação recebida, o meio e os vínculos sociais nele estabelecidos (muitas vezes a partir da própria educação concedida aos filhos ou **herdeiros**) e, além disso, a “comodidade”, o “orgulho” ou o “constrangimento” de viver de rendas (hereditárias ou não); **ser burguês**, no século XIX, podia envolver, inclusive, a pretensão à respeitabilidade e à erudição, as aquisições materiais, os gastos realizados, o padrão de vida exibido (muitas vezes em rota de colisão com a



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

realidade financeira do indivíduo ou da família), a assunção de determinados valores ou, melhor dizendo, a maneira e a profundidade com que alguns valores eram incorporados (se é que de fato eram) e/ou exercitados. E, ao fim e ao cabo, tampouco podemos contar com um antigo e infalível recurso – o “caráter burguês” (GAY, 1988, p. 33) – para se obter uma definição mais precisa do que vem a ser a burguesia do século XIX, pois, ao menos hoje, não podemos nos deixar seduzir pelas tentadoras simplificações oitocentistas que reduziram o homem burguês a um tipo “mediocre” ou “arrogante”, que frequentava prostitutas ou corrompia crianças enquanto “[...] suas tímidas e obedientes esposas, sexualmente anestesiadas, desviavam todo o seu imenso potencial amoroso para os afazeres domésticos e a educação dos filhos” (GAY, 1988, p. 15). Além disso, há que se considerar um aspecto fundamental: “[...] uma consciência não-conformista da Inglaterra [...]”, por exemplo, facilitou o surgimento de um tipo burguês bastante diverso daquele originado de uma “[...] consciência católico-romana da Toscana [...]” (GAY, 1988, p. 34) que, por sua vez, se diferenciou de um burguês pertencente a uma cultura periférica como – ainda a título de exemplo – a do Rio de Janeiro do último quartel do século XIX (de um Brasil ainda ligado ao berço da colônia).

Com todo esse raciocínio, desejamos frisar o seguinte: faz-se extremamente complexo o trabalho de definir essa classe social que “[...] sempre fora mais difícil de determinar do que aquilo que, em teoria, definia a nobreza (por exemplo, nascimento, títulos hereditários, propriedade de terras) ou a classe operária (por exemplo, o salário e o trabalho manual)” (HOBBSAWM, 2009, p. 272). Talvez o caminho mais simples seja mesmo o de privilegiar o contraste e, assim, **burguesia oitocentista** seria a porção de gente espremida entre a aristocracia e a classe operária. No entanto, Gay (1988, p. 33) aponta uma solução melhor:

E de fato não havia um burguês típico: o empresário inescrupuloso e o engenheiro criativo lhe serviam de modelo tanto quanto o quitandeiro pacato e o burocrata pedante. O arrojo e a prudência eram características burguesas de peso igual. O que os burgueses do século XIX tinham em comum era a qualidade negativa de não serem



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ___/___/___.

nem aristocratas nem operários, **e de se sentirem mal em suas próprias peles**. (grifos acrescentados)

É exatamente esse “sentir-se mal em suas próprias peles” que pretendemos destacar aqui neste estudo. Pois uma das características que definem a burguesia oitocentista é precisamente o narcisismo: a supervalorização da imagem à custa do *self*. Afinal, o “sentir-se mal em suas próprias peles” fez com que a burguesia oitocentista, de uma maneira geral, privilegiasse o **parecer ser** em detrimento do **ser**. Explicando melhor: se, por um lado, a burguesia do século XIX conquistou um indiscutível poder econômico, social e até mesmo político (em que pese a consideração de que, no final do século XIX, a democratização política “[...] solapou a influência pública e política de todos os burgueses, exceto os mais ricos” (HOBBSAWM, 2009, p. 266), por outro lado, não havia padrões de comportamento previamente assentados que definissem o que era **ser burguês** (note-se a diferença: na idade média, os códigos de cavalaria e nobreza davam conta de definir o que era **ser nobre**). A burguesia oitocentista não possuía **códigos burgueses**. Por esse motivo, essa burguesia representou uma classe que, por excelência, **experimentou...** Experimentou no sentido de se apropriar, sobretudo, dos padrões de conduta da nobreza ou da aristocracia – reproduzindo-os de maneira modificada: o **trabalho** (a **atividade profissional**) passou a figurar como instrumento de legitimação de poder e dominação, anteriormente conferido apenas aos **laços de sangue** ou de **família**. Por outro lado, essa burguesia oitocentista não possuía uma **educação** capaz de lhe conferir **respeitabilidade social**. Por esse motivo, a maneira transformada com que a burguesia oitocentista assumiu posturas aristocráticas foi também, muitas vezes, uma maneira **desajeitada**: uma espécie de **meter os pés pelas mãos**, que acusava a ausência de **educação formal**.

Portanto, ao falarmos em **experiência burguesa oitocentista**, devemos considerar um encontro da mente com o mundo mais ou menos às cegas – e eminentemente narcisista, no sentido de caracterizar-se em um investimento na imagem à custa do *self* (LOWEN, 1983). A rigor, todas as experiências humanas funcionam mais ou menos às cegas, mas o que se quer ressaltar,



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

aqui, é o fato de que a burguesia do século XIX não possuía um espelho capaz de, diretamente, refletir a sua imagem enquanto classe social. Por isso essa burguesia oitocentista utilizou-se de superfícies refletoras oblíquas: procurou agir como a aristocracia, ao mesmo tempo em que tentava se distanciar do modo de ser do **povo**. A burguesia do século XIX compôs-se como um Narciso sem espelho próprio. Subjugou as suas características mais vitais, as suas necessidades mais prementes de autodefinição, autodeterminação e autorrealização em face de uma **imagem egoica** que, a rigor, era caleidoscópica: ora compunha-se associada à nobreza ou à aristocracia, ora limitava-se a se afastar, tanto quanto possível, da ideia de **povo** ou de **classe operária**.

A visão que adotamos neste estudo acerca do que vem a ser a burguesia oitocentista distancia-se um pouco da concepção marxista, na qual a burguesia é entendida como “[...] a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social e empregadores do trabalho assalariado” (MARX; ENGELS, 2001, p. 23). Procuramos, aqui, privilegiar uma feição burguesa extraída da **história da cultura**, que nos transmite a noção de que “A distância entre o mais alto e o mais baixo degrau da ‘escada’ burguesa era imensa” (GAY, 1988, p. 29). Assim, algumas fatias da burguesia do século XIX configuraram, de fato, uma **classe dominante**; outras, no entanto, mostraram-se **aliadas** dessa classe dominante e, por fim, os estratos burgueses ditos **mais baixos**, conviveram muito de perto com a possibilidade de pobreza extrema. Um dos traços que uniu todos esses segmentos foi justamente o narcisismo (a característica de **se sentirem mal em suas próprias peles**). Por outro lado, o que os dividia “[...] constituía uma fonte de tensões reais” (GAY, 1988, p. 33), pois “O aspecto social mais dramático da experiência burguesa no século XIX era a desigualdade econômica, social e política que predominava no interior da própria burguesia” (GAY, 1988, p. 29).

Portanto, o narcisismo representou um dos principais traços dessa burguesia, e alcançou, inclusive, o mais íntimo e privado dos espaços: o lar burguês. A própria composição da família – o próprio entendimento do que era



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

o **casamento** e a **família** – veio visceralmente permeada e definida pelo império da **imagem** em detrimento do *self*. A dissociação entre ego e *self* separou “[...] a consciência de seu alicerce vivo” (LOWEN, 1983, p. 37) e, assim, as paixões são tomadas no século XIX como “[...] contingentes, e até perigosas; o melhor casamento é o casamento ‘arranjado’ ao qual se sucede a afeição, e não vice-versa” (PERROT, 2009, p. 80). Ainda conforme Perrot, a família oitocentista passa a ser vista como uma “[...] construção racional e voluntária, unida por fortes laços espirituais, por exemplo a memória, e materiais. O patrimônio é, a um só tempo, necessidade econômica e afirmação simbólica” (PERROT, 2009, p. 80).

Lidamos, portanto, com uma classe social que, no século XIX, tendeu a pautar suas relações interpessoais (e a subjugar suas emoções/sensações) em função, sobretudo, da acumulação, manutenção e fruição de um **patrimônio material**. Uma classe social que, em larga medida, definiu, legitimou e impôs os papéis masculinos e femininos a partir das noções de **troca de mercadorias**, de **lucro** e de **mais-valia**. No lar burguês oitocentista, a dominação masculina foi crua e, muitas vezes, cruelmente justificada pela figura do homem como **provedor**. O homem burguês pretendia funcionar mais ou menos como **senhor da vida e da morte**, responsável pela existência e sobrevivência da família – uma artéria vital que, uma vez estrangulada, implicaria no perecimento físico, espiritual e social de todos os demais dependentes. A mulher, por seu turno, foi limitada (empurrada) para o universo do lar. Ela se resumiu a um **capital de sociabilidade** do pai ou do marido, pois quanto maior o luxo, o “cuidado” ou o “conforto” concedidos a essa mulher, maior era o “cacife” econômico e social do homem que os proporcionava (em que pese, nesse contexto, a seguinte consideração de Gay (1995, p. 293): “[...] aparentemente a maioria das mulheres não protestou contra serem mantidas lá [no lar]”, uma vez que, para elas, “O círculo doméstico tinha os seus encantos”).

Ao fim e ao cabo, o que mais interessa frisar neste estudo é o fato de que a experiência burguesa oitocentista veio profundamente marcada pelo narcisismo e pelo controle da sexualidade. Afinal, tratamos de uma cultura



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

dominada pelo dogma da autoridade: uma autoridade do ego sobre o *self* (da “razão” sobre o “corpo”), da Igreja sobre a religião, das facções políticas sobre as massas, do império sobre a colônia, do pai sobre o filho, do patrão sobre o empregado, do homem sobre a mulher, da moral sobre a vida, da cultura sobre a natureza... E faz-se extremamente importante perceber como esse dogma da autoridade foi transportado para o regime da aliança matrimonial:

A característica do século XIX reside na polarização em torno do casamento, que tende a absorver todas as funções: não só a aliança, mas também o sexo. **Nas palavras de Michel Foucault, ‘a família é quem faz as trocas da sexualidade e da aliança: ela transporta a lei e a dimensão jurídica para o dispositivo da sexualidade, e transporta a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança’. [...]** Aqui, a burguesia tem um papel motor: a consciência do corpo é uma forma de autoconsciência. Por outro lado, a aliança e o desejo nem sempre concordam entre si – longe disso. O drama das famílias, a tragédia dos casais frequentemente residem nesses conflitos entre a aliança e o desejo. **Quanto mais cerradas as estratégias matrimoniais para assegurar a coesão familiar, tanto mais canalizam ou sufocam o desejo.** Quanto mais forte o individualismo, tanto mais ele se insurge contra as escolhas do grupo, os casamentos decididos ou arranjados. Sem dúvida, tal é o mecanismo do drama romântico e do crime passionnal (PERROT, 2009, p. 119, grifos acrescentados).

3 A GÊNESE E A MANUTENÇÃO DO CONTROLE DA SEXUALIDADE

O investimento maciço num modelo baseado no núcleo familiar patriarcal típico da burguesia relaciona-se intimamente com o acúmulo de riquezas e com o conseqüente crescimento das nações. Autores como Reich (1988a; 1988b) e Foucault (1988) apontaram, cada um a seu tempo e em seu modo peculiar, os interesses que permeavam a manutenção do poder patriarcal, bem como as estratégias pelas quais se o exercitava. Entre tais estratégias, o controle sobre a sexualidade foi uma das que mais se fez notar e cujas conseqüências permanecem ainda na atualidade.

Foucault (1988) defende que sexualidade é historicidade, na medida em que sobre esta função constrói-se socialmente a representação que a permeia. Há que se admitir que nossa história produziu, então, uma **sexualidade subordinada ao controle**. Controlar a sexualidade tratou ora de silenciá-la, de



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ___/___/___.

maneira repressiva, ora de estimulá-la à exposição – o que, de saída, vale dizer, não lhe garantiu ou garante a livre expressão – e também pelo protesto frente ao silêncio e ao disciplinamento impostos à sexualidade ao longo dos séculos.

Acompanhemos o voo do *Goofus Bird* (BORGES, 2007) que, nesse momento, nos remete ao século XVII, passando antes pelos séculos XX, XIX, XVIII... Surpreendentemente, entre os séculos XVIII e XX encontramos, “[...] em torno e a propósito do sexo [...] uma verdadeira explosão discursiva” (FOUCAULT, 1988, p. 23) e, ao mesmo tempo, o peso do “[...] tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo” (FOUCAULT, 1988, p. 11).

Explicamos: desde um contexto histórico bastante recente – e até hoje –, a sexualidade foi deliberadamente explorada em suas minúcias, por meio dos especialistas, em seus diagnósticos e aconselhamentos. No entanto, era tratada como uma função (ou, mais frequentemente, uma disfunção) alienada de seu portador. Ao indivíduo cabia relatar sua sexualidade em detalhes, para que então esta fosse analisada à luz de uma ciência a respeito do sexo, transformando-se em um saber pertencente ao especialista, o qual sobrepunha e subjugava o conhecimento que o próprio indivíduo pudesse ter sobre si mesmo. Ou seja, enquanto assunto comum e pertencente ao cotidiano, a sexualidade permanecia calada; já como parte constituinte de uma ciência a respeito do sexo, a sexualidade mostrava-se em todos os seus pormenores.

Recuando mais ainda na linha do tempo, e chegando ao século XVII, o controle da sexualidade deu-se pela ausência de qualquer discurso, fosse cotidiano, fosse o dito “científico”. Falar de sexo era difícil e até proibido. Eis que de tanto se emudecer sobre o assunto, o silêncio foi imposto, a censura se constituiu logo a seguir.

Foucault (1988) afirma que, por um lado, a transição entre os séculos XVII, XVIII e XIX não silenciou o sexo como era de se esperar, já que esta era a prática mais comum em pleno século XVII. E não só não calou, como nem mesmo diminuiu quanto se falava sobre sexo; apenas eram outras pessoas que dele falavam, e o faziam de outra maneira e com outros propósitos. Em



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ___/___/___.

outras palavras, a sexualidade estava, nesse momento – e até hoje está – sob o jugo tanto do **silêncio** quanto do **discurso**. A sexualidade foi disciplinada, vigiada, controlada e até punida, mas jamais silenciada. Na medida em que a “sociedade disciplinar” determinou o que era normal ou anormal em termos de sexualidade, não a proibiu, mas ditou como deveria ser vivenciada, focalizando sua atenção na sexualidade de mulheres e crianças, na função reprodutiva e nas perversões sexuais. Enfim, segundo Foucault (2001, citado por Müller, 2005), não reprimida, **a sexualidade foi vigiada por um efeito normatizante**.

Boa parte da atenção (inclusive médica) sobre a sexualidade a partir do século XVIII tenha tido a função de “[...] proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora” (FOUCAULT, 1988, p. 44) – e é neste ponto que o controle da sexualidade aproxima-se da experiência burguesa. O foco, tanto do direito canônico, da pastoral cristã, quanto da lei civil, ao determinar as regras de conduta relacionadas ao sexo e o que poderia ser considerado lícito ou ilícito, recaía sempre sobre a **relação sexual conjugal**. A obrigatoriedade de esta relação ser monogâmica e heterossexual estabeleceu-se definitivamente como norma nos séculos XVIII e XIX, quando também se passou a questionar tudo o que era “desviante”:

O casal legítimo, com sua sexualidade regular, tem direito à maior discricção, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, porém mais silenciosa. Em compensação o que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas. (FOUCAULT, 1988, p. 45-46).

A princípio, a **confissão** tornou-se a via de revelação da sexualidade, mesmo porque, como aponta Foucault (1988, p. 71) “[...] a educação sexual se limitou aos princípios gerais e às regras de prudência [...]”.

Efetivamente, a Igreja impôs a confirmação e a confissão na puberdade, o que é uma renovação permanente dos sentimentos de culpabilidade sexual. (REICH, 1986).

A confissão manteve sua relação direta com a penitência, e não tardou a que também fossem incluídas a Pedagogia e a Medicina como estratégias de



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

controle da sexualidade, nos séculos XVIII e XIX, por meio, por exemplo, de **narrativas e consultas**.

Nesse momento os prazeres mais singulares eram solicitados a sustentar um discurso de verdade sobre si mesmos, discurso que deveria articular-se não mais àquele que fala do pecado e da salvação, da morte e da eternidade, mas ao que fala do corpo e da vida – o discurso da ciência. (FOUCAULT, 1988, p. 73).

Assim, surgiu uma questão teórica e metodologicamente paradoxal, pois a subjetividade do discurso deveria servir à cientificidade da prática a que se rendia, constituindo “[...] uma ciência do sujeito [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 74). Na verdade, o que se evidenciou foi uma “[...] interferência entre duas modalidades de produção da verdade: os procedimentos da confissão e a discursividade científica.” (FOUCAULT, 1988, p. 74).

Entre as maneiras de tornar a confissão cientificamente aceita sobrevieram, segundo Foucault (1988), a associação livre – técnica psicanalítica – e a hipnose – prática psiquiátrica. A partir dos achados dessas manobras científicas, “[...] não há doença ou distúrbio para os quais o século XIX não tenha imaginado pelo menos uma parte de etiologia sexual.” (FOUCAULT, 1988, p. 75). Mais além, o interlocutor é essencial à validação do discurso sobre o sexo que se pretende tornar científico, pois **a sexualidade é obscura e latente e, assim, precisa ser interpretada**. Quem a interpreta se transforma em “[...] dono da verdade”, e também a torna “[...] um discurso de verdade” (FOUCAULT, 1988, p. 76) ao decifrá-la. Não mais apenas como pecado, o sexo passou a ser visto então a partir da fronteira “[...] do normal e do patológico [...]” e “[...] como um campo de alta fragilidade patológica: superfície de repercussão para outras doenças, mas também centro de uma nosografia própria [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 77).

Assim desenvolveu-se um saber do sujeito: buscando o que escapa dele mesmo e o cinde... **o sexo**.

[...] foi na família ‘burguesa’, ou ‘aristocrática’, que se problematizou inicialmente a sexualidade das crianças ou dos adolescentes; e nela foi medicalizada a sexualidade feminina; ela foi alertada em primeiro lugar para a patologia possível do sexo, a urgência em vigiá-lo e a necessidade de inventar uma tecnologia racional de correção. Foi ela



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ___/___/___.

o primeiro lugar de psiquiatrização do sexo. Foi quem entrou, antes de todas, em eretismo sexual, dando-se a medos, inventando receitas, pedindo o socorro das técnicas científicas, suscitando, para repeti-los para si mesma, discursos inumeráveis. (FOUCAULT, 1988, p. 132).

Vale frisar que tornar a sexualidade de crianças e adolescentes um “problema” não era e não é, de saída, nem tolerá-la e muito menos aceitá-la. A sexualidade “problematizada” deve ser resolvida, superada: para tanto, a família a controlava, ou a delegava à observação de educadores contratados ou mesmo médicos – assim como frequentemente o faz até hoje...

O início do século XVIII, em suma, demarcou uma **nova ética** a respeito da sexualidade. Em decorrência da separação entre Igreja e Estado, houve a migração da Educação, antes sob responsabilidade da Igreja, para a escola, da mesma forma que o controle sobre a sexualidade, exercido até então pela confissão, passou a ser assunto médico. Na intersecção desses três “territórios” – Igreja, Estado, Escola – a sexualidade permaneceu impregnada dos interesses religiosos. Ao Estado – organização capitalista interessada em estabelecer suas riquezas por meio do aumento da população e da manutenção da mão de obra para o trabalho – e à Escola – representante do Estado – coube a mesma tarefa: perpetuar o que até então a Igreja já pregava ao afirmar que **o sexo deve circunscrever-se à função da procriação**. Em seu lastro, a Medicina, confirmando o sexo como ciência, focalizou a ação sobre a função natural – sexo para reprodução – negligenciando a subjetividade da sexualidade. À família, por sua vez, foi delegada a função de zelar pela manutenção do sexo como voltado à procriação, objeto da ciência e instrumento de crescimento demográfico. (FOUCAULT, 1988; NÓVOA, 1995, citado por BATISTA, 2008; SOUZA, 1997).

Assim, analisar o sexo, a partir do século XVIII, instituiu-se como uma questão política e econômica, pois o desenvolvimento associava-se à povoação dos países. Mais do que a noção de que “[...] um país devia ser povoado se quisesse ser rico e poderoso [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 32), passou a se admitir, nesse momento, que “[...] uma sociedade afirma que sua fortuna e seu futuro estão ligados [...] à maneira como cada qual usa seu sexo.”



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ___/___/___.

(FOUCAULT, 1988, p. 32). Daí saber como a sexualidade era vivenciada, no âmbito da família e para além dela, pois esse conhecimento determinava as taxas de natalidade e a distribuição da renda (nascimentos legítimos e ilegítimos), permitindo também a intervenção sobre estas questões.

Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. [...] campanhas sistemáticas [...] tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada. [Igualmente, é justificável e tolerado] [...] Que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e o uso que dele fazem e, também, que cada um seja capaz de controlar sua prática. (FOUCAULT, 1988, p. 32-33).

A sexualidade foi, dessa forma, confiscada pela e para a família conjugal, que “[...] absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir.” (FOUCAULT, 1988, p. 9). Falar sobre sexo era direito reservado ao casal, assim como era ao seu quarto que o sexo se recolhia. Para além desses limites, o **sexo** era **encoberto** e se tornou – em uma palavra, utilizada por Foucault (1988) – **estéril**. Esse é, paradoxalmente – e por que não dizer, ironicamente? –, o preço pago pelo sexo para servir à função exclusiva da reprodução – tornar-se um assunto estéril.

Com base nesta visão histórica, é possível afirmar que a sexualidade do século XIX era até mais reprimida que a vigente até o século XVII, e isso ocorria não porque houvesse uma maior liberdade sexual àquela época primeira, mas sim porque havia menos códigos morais, menos regras de comportamento a separar o obsceno do decente, a determinar o que poderia ser considerado transgressão, o que poderia ser exposto (incluindo-se o próprio corpo). Essa constatação é importante, pois implica em que não se tome levemente o sentido do **discurso** a respeito da sexualidade: se olhado superficialmente, este pode parecer coerente com uma maior liberdade em termos sexuais, mas da maneira como se processou é **tão ou mais pernicioso que o silêncio que lhe antecedeu**.

Aproximando o controle a que a sexualidade foi submetida ao longo da história e a ideia de que a experiência burguesa em ascensão a partir do século XVIII implicava intensamente em sentir-se mal nas próprias peles –



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

buscando, por esse motivo, narcisicamente, cumprir um papel baseado numa imagem refletida pelo que **não** constituía a burguesia da época (a nobreza, de um lado, e o povo, de outro) – percebe-se que a principal consequência foi a **perda de toda e qualquer espontaneidade**, inclusive frente à sexualidade. Diga-se, de passagem, a espontaneidade é uma qualidade pertinente ao *self*, e por isso mesmo impossível de ser mantida no cumprimento de uma imagem, de um papel.

Assim, a interdição da sexualidade, seu controle, coincidiu com a gênese do desenvolvimento do capitalismo, como “[...] parte da ordem burguesa.” (FOUCAULT, 1988, p. 12), que, além de zelar pelo crescimento populacional, conforme mencionado anteriormente, determinava que sexo e rendimento no trabalho eram incompatíveis, uma vez que o segundo dissipa-se na presença do prazer.

Também Reich (1988a; 1988b) reconheceu na interdição da sexualidade os **interesses capitalistas**. Reich (1986) chamou a atenção para o fato de que não se frustra, por exemplo, a necessidade de nutrição, mas a sexualidade sim, e isso gera recalçamento. Se o Estado exige dos adultos uma atitude obediente e submissa, como consequência, os pais exigem dos filhos igualmente uma atitude obediente e submissa.

A miséria psíquica e sexual das crianças é a primeira consequência da repressão sexual pelos pais, à qual se junta então a repressão intelectual pela escola, o embrutecimento espiritual pela Igreja e finalmente a opressão e a exploração material pelos empreiteiros e patrões. (REICH, 1986, p. 67).

Segundo Reich (1988b), na sociedade patriarcal, encontrada na base do capitalismo, a repressão sexual se dá pela supressão, desde muito cedo, da liberdade sexual, a qual garante ao poder vigente sua manutenção, na medida em que acarreta em uma perda ampla e generalizada da liberdade total do indivíduo.

A “conveniência” da interdição da sexualidade, segundo Reich (1986), aos propósitos capitalistas reside na instalação de uma **ausência de opinião pessoal**, nos jovens, com a proibição da experiência com seu próprio corpo e



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

prazer, a qual os inabilita a protestar, a desenvolver um espírito crítico e a dessa forma, questionar a moral social em vigor.

Nesse lastro, o casamento indissolúvel imposto pela Igreja é o corolário de uma sexualidade reprimida e da convivência da sociedade com tal repressão (REICH, [19--]).

Submeter as pessoas ao silêncio a respeito das experiências com o sexo ou fazendo-as forçosamente falar para subsidiar a confissão e a análise, dá lugar a uma atitude generalizadamente negativa em relação à sexualidade. O resultado é a **impossibilidade de autoafirmação** por meio desta função, precedida pela **insatisfação sexual**, que por sua vez dá-se por força do **impedimento da autorregulação**, ou seja, da espontaneidade. Constitui-se assim uma prisão que subjuga o corpo, a emoção e a razão para se estabelecer, e, por meio deles – corpo, emoção, razão – perpetuar-se.

Para onde lançamos nossos olhares, vemos o homem correndo em círculos, como se, preso numa armadilha, tentasse em vão escapar da sua prisão e do seu desespero. [...] **A armadilha é a estrutura emocional do homem, sua estrutura de caráter.**” (REICH, 1991, p. 4).

Mas, ao mesmo tempo, “O homem teme e detesta a saída da prisão. Ele se resguarda acirradamente contra qualquer tentativa para encontrar essa saída. Este é o grande enigma.” (REICH, 1991, p. 5).

A ambivalência do ser humano com relação ao controle de sua sexualidade e, por conseguinte, pela subjugação de sua vitalidade é evidente.

Fora da prisão, muito perto, descortina-se a Vida viva, em tudo o que se alcança com a visão, a audição, o olfato. [...] Você a vê, sente, toca nela, você a deseja sem cessar, mas sair tornou-se uma impossibilidade. Só é possível consegui-lo em sonhos, em poemas, na música, na pintura, mas já não está em seus movimentos. As chaves para sair da prisão estão cimentadas na armadura do nosso caráter e na rigidez mecânica do corpo e da alma. (REICH, 1991, p. 6).

Na medida em que o silêncio inicial em relação à sexualidade, típico do século XVII, e um posterior frenesi discursivo, presente nos três séculos posteriores são mantidos também na contemporaneidade, resta-nos como herança a impossibilidade da livre e simples experimentação da sexualidade,



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ___/___/___.

por mais que isso já tenha sido denunciado. O vazio gerado pela impossibilidade de viver plenamente a sexualidade e perante ela assumir uma visão positiva, muito frequentemente é terreno para a imposição de um contramodelo: o da obrigação da liberdade sexual. Obviamente, com a imposição de um modelo contrário ao vigente repete-se a subjugação da sexualidade a um padrão de funcionamento.

No intuito de integrar numa compreensão unívoca os mecanismos de poder inerentes tanto ao silêncio que reprimia a sexualidade, quanto ao discurso que buscou controlá-la, adicionando-se ainda a estes o discurso que contra esta repressão se levantou, Foucault (1988) reconheceu que, definitivamente, não se lhe permitiu, nem se lhe permite à sexualidade “[...] obscuridade nem sossego.” (FOUCAULT, 1988, p. 26).

Foucault (1988, p. 16), contestando a existência de uma relação de proibição X obediência entre repressão e sexualidade, falou então em uma “[...] ‘hipótese repressiva’ [...]”: questionou a existência histórica da repressão sexual, o caráter repressivo do poder vigente e os meios pelos quais este caráter se manifesta; relacionou o discurso contra a repressão e o poder vigente, perguntando-se se o lugar do discurso frente ao poder foi combatê-lo ou dele fazer parte.

É certo que o sexo foi historicamente relegado à classe de pecado; mas, por outro lado, falar sobre sua repressão o tem reconhecido como vítima de outro pecado: o de **abuso do poder**. No entanto, cabe que nos perguntemos: será que não repetimos assim, o mesmo abuso? Nas palavras de Foucault (1988, p. 15):

A questão que gostaria de colocar não é por que somos reprimidos mas, por que dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos?

O silêncio repressivo, o discurso e – mais – o discurso antirrepressão colocaram, todos eles, o sexo em palavras e em detalhes, impondo ao tema uma posição de evidência.



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ___/___/___.

Enfim, na atualidade, o silêncio e/ou os discursos herdados da história, que ditam **normas de pudor ou de liberdade sexual**, mantêm, cada um a seu modo, o status de tabu em torno do tema sexualidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos nos definir atualmente? Somos **burgueses**? Nossas relações afetivas ainda são definidas pelas leis da **troca de mercadorias**, do **lucro** e da **mais-valia**? De que maneira? Em que grau?...

Dependendo do alcance da nossa resposta, devemos lembrar que, já no século XIX, **burguesia** não significava unicamente um nível de renda percebida, um padrão de gastos ou um mero estilo de vida. Significava, sobretudo, um naco social fragmentado e fragmentário que compartilhava ao menos uma característica em comum: o **parecer ser** sobrepondo-se ao **ser** – e isso abrangeu, de modo aparentemente paradoxal, a crítica que muitos burgueses oitocentistas já teciam contra a própria classe social a que pertenciam. Nas palavras de Berman (2005, p. 15): “[...] para ser inteiramente moderno é preciso ser antimoderno”. Na mesma linha de raciocínio, **ser burguês**, no século XIX, envolvia, inclusive, uma postura de autonegação e contestação ferrenha, no seguinte sentido: **eu não sou burguês – burguês é o outro...!**

Quantos de nós ainda agem assim? Quantos de nós, ainda hoje, negam a própria origem burguesa e exercitam, conscientemente ou não, uma postura mera e insequentemente iconoclasta? Até que ponto contestamos a nós mesmos pela simples necessidade de contestar?

Atualmente, ser **narcisista, burguês e sexualmente controlado** é uma questão que envolve não apenas quantidade como também qualidade. Várias vezes nos apresentamos como **muito** burgueses, **muito** narcisistas e muito reprimidos ou **muito** sofisticados sexualmente – em virtude da cultura na qual somos criados. Compete, portanto, a cada um de nós – na medida do possível – transformar a nossa vida em algo realmente satisfatório para nós mesmos e,



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

por coalisão dialética, para o mundo, lembrando sempre que a autonegação costuma ser tão nociva quanto a cega aceitação.

A sexualidade – experiência humana com o prazer, de um modo amplo, e com o sexo no intercurso genital – não desaparece com a opção de controlá-la ou mesmo de negligenciá-la nas instâncias educacionais e familiares, bem como em outras organizações da sociedade. Também não se liberta se à sexualidade se impõe a liberdade. Resta a tarefa de administrar todas estas heranças e, quem sabe, mudar nosso futuro...

.....

REFERENCIAS

BATISTA, C. A. **Educação e sexualidade**: um diálogo com educadores. São Paulo: Ícone, 2008.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BORGES, J. L. **O livro dos seres imaginários**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 18ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GAY, P. **A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud**. A educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GAY, P. **A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud**. O cultivo do ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios**: 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

LOWEN, A. **Narcisismo**: negação do verdadeiro *self*. São Paulo: Cultrix, 1983.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

MÜLLER, R. de C. F. Gênero e sexualidade nos cadernos de pesquisa (FCC): de 1971 a 2004. In: GROSSI, M. P. *et al.* **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 239-266.



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

PERROT, M. **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REICH, W. **Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura?** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, [19--].

REICH, W. **O combate sexual da juventude**. São Paulo: Epopéia, 1986.

REICH, W. **A revolução sexual**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988a.

REICH, W. **As origens da moral sexual**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988b.

REICH, W. **O assassinato de Cristo**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SENNET, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da privacidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOUZA, Maria Cecília C. Sexo é uma coisa natural? A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade/escola. In: AQUINO, Julio G. **Sexualidade na escola**. Alternativas teóricas e práticas. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1997.

AUTORES

Sérgio Luis Soares Mariani/PR - Bacharel em Direito, funcionário do Tribunal do Trabalho da 9ª Região. Mestrando em Letras - literatura, pela Universidade Federal do Paraná.

E-mail: sergiomariani1@gmail.com

Sandra Mara Dall'Igna Volpi/PR - Psicóloga (CRP-08/5348), Especialista em Psicologia Clínica, Psicopedagogia, Psicoterapia Infantil, Psicologia Corporal e Análise Bioenergética (CBT). Mestranda em Tecnologia. Organizadora e Presidente dos Encontros Paranaenses, Congressos Brasileiros e Convenções Brasil/Latino-América de Psicoterapias Corporais. Diretora do Centro Reichiano. Curitiba/PR.

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br

Eu, Sérgio Luis Soares Mariani, declaro que o presente artigo é de minha própria autoria e que todas as citações, pensamentos ou idéias de outros autores nele contidas, estão devidamente identificadas e referenciadas segundo as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.



MARIANI, Sérgio Luis Soares; VOLPI, Sandra Mara D. O voo às avessas do *Goofus Bird*: a modernidade sem raízes e o controle da sexualidade na experiência burguesa. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Estou ciente de minha responsabilidade legal pelo uso inapropriado de idéias, pensamentos e citações não identificadas e/ou referenciadas. Autorizo qualquer alteração no texto que for necessária para a correção dos erros de português e/ou digitação, bem como modificação de palavras, desde que não comprometa a estrutura do artigo e o pensamento do autor. Concedo também os direitos autorais para a publicação desse artigo no CD dos Anais do XVI Encontro Paranaense, IX Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais e na página de artigos do Centro Reichiano.

Curitiba, 21 de maio de 2010.

Eu, Sandra Mara Dall'Igna Volpi, declaro que o presente artigo é de minha própria autoria e que todas as citações, pensamentos ou idéias de outros autores nele contidas, estão devidamente identificadas e referenciadas segundo as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. Estou ciente de minha responsabilidade legal pelo uso inapropriado de idéias, pensamentos e citações não identificadas e/ou referenciadas. Autorizo qualquer alteração no texto que for necessária para a correção dos erros de português e/ou digitação, bem como modificação de palavras, desde que não comprometa a estrutura do artigo e o pensamento do autor. Concedo também os direitos autorais para a publicação desse artigo no CD dos Anais do XVI Encontro Paranaense, IX Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais e na página de artigos do Centro Reichiano.

Curitiba, 21 de maio de 2010.